

O mendigo cego

Ha um grupo immortal na velha tradição hellenica; é o grupo de Edipo e de Antigona. Os modernos, em geral, não comprehendem a sublimidade dos assumptos da tragedia grega; o pathetico de Eschylo e de Sophocles, que tinha suspensos e fascinados os espectadores dos theatros athenienses, deixa-nos frios e sem lagrimas; admirâmos a grandeza da mole e o vigor do architecto, mas não nos commovem desventuras que não percebemos; o pathetico de Euripedes, do tragico tão accusado por Aristophanes de estragar o gosto e de enervar o publico, chega-nos mais ao coração, porque as paixões que esse *romantico* da velha Athenas agita no palco são d'aquellas que o sentimento moderno, que o sentimento de todas as edades facilmente abrange e comprehende.

A fatalidade, que desdobra sobre os vastos proscenios as suas negras azas, e cujo sôpro impelle os heroes inconscientes pela estrada maldita onde os esperam as desgraças e os crimes, basta para gelar todo o interesse no coração dos espectadores modernos. O desespero de Edipo não o podêmos comprehender; não vemos n'elle senão um homem justo e bom, victima de olympicos tratantes, que se divertiam em transformar em crimes as mais simples acções da sua vida honesta. Atravessa a deshoras um monte, encontra um homem que o não deixa passar, mata-o para não ser morto; pois querem saber? este homem era seu pae, e aqui temos Edipo já parricida! Segue o seu caminho, chega a uma cidade afflicta, presta aos habitantes um grande serviço, a instancias d'elles faz o sacrificio de casar com a rainha, viuva inconsolavel que morria por ser consolada; pois esta rainha madura, que ainda namorava rapazes, era nem mais nem menos que sua mãe!

Representem uma peça d'este gosto diante de uma platéa moderna, e verão que redonda pateada a acolhe. É necessaria uma certa erudição, um certo conhecimento do genio, das tradições, da indole do povo e da poesia grega, para que, repondo a scena no meio dos seus accessorios indispensaveis, se comprehenda

e se aprecie o que ha de grande n'esta sombria tragedia.

Apenas, comtudo, começa a expiação dos imaginarios crimes, o drama torna-se humano, e a commoção dos athenienses, abrangendo o mundo inteiro, adquire os foros de immortal. Não é a victima da fatalidade que o mundo contempla com dó profundo e profunda veneração; é simplesmente o velho que a desgraça fulminou, o proscripto que a terra inteira repelle, o mendigo em cuja nobre face a desgraça apagou a luz dos olhos, e que percorre o mundo encostado ao hombro de Antigona, da innocente filha, que lhe é unico amparo e guia. Esse grupo sublime é o que fica devéras gravado na memoria de todas as gerações, é o que a todos arranca lagrimas, é o que ha de inspirar por toda a extensão dos seculos o talento dos artistas, o estro dos poetas.

O contraste do homem forte prostrado pelo infortunio e amparado pela innocencia, do velho muro alluido que a hera fragil esteia, do baobab fulminado pelo raio em torno do qual se enlaçam amorosamente as escarlates bromelias, do carvalho lascado que a roseira cinge e perfuma, sempre, sempre fascinou a imaginação dos homens. A esse outro Edipo moderno, fulminado pela desgraça, meio louco, soltando os cabellos desgrenhados ao sôpro do vendaval, confundindo com os gritos da procella os seus gritos de desespero, ao rei Lear, em fim, deu tambem Shakespeare uma Antigona no doce vulto de Cordelia. André Chénier, esse grego de Byzancio que poz aos labios a taça de leite e mel da poesia homerica, ao apresentar-nos em scena o grande velho de Smyrna, ainda que seja o quadro risonho, não se esqueceu de pôr ao lado do sublime cego os pastorinhos meigos e alegres. Homero canta, e as crianças, de labios em flor, escutam. É ainda o grupo de Edipo e de Antigona, mas illumina-o um raio de sol.

Esse grupo esculptural fulgura sempre na imaginação dos artistas, como fulgurou na phantasia dos poetas. Seja qual for o assumpto que representem, desde o momento que um pobre e velho cego se ampara a uma criança em plena primavera, podêmos estar certos que o artista se lembrou d'esse modelo immortal de Edipo e Antigona. Esse quadro de Dyckmans [1], de que o *Archivo* dá hoje uma bellissima gravura, representa um mendigo cego, de que uma pobre criança é guia. Lê-se na physionomia do velho a dor augusta e grande, no olhar da rapariga a resignada tristeza. Eil-o ainda, o grupo que nos foi legado pela poesia hellenica.

A cegueira é uma das enfermidades que a arte facilmente poetisa. Esses rostos sem luz parece que uma irradiação interna os illumina. Com as orbitas vasias, como nas estatuas, o rosto de um cego parece adquirir por esse facto um não sei quê de esculptural. Vivendo no mundo, é ao mundo estranho. Solitario no centro do turbilhão, quem sabe o que se aninha nos seus recessos sombrios! Aquelle para quem se apagam as luzes do corpo deve ter mais vivida a luz do espirito. A attenção deve concentrar-se-lhe n'esse mundo intimo, tão rumorejante, tão cheio de vida e esplendor como o universo. «Na noite que me rodeia, dizia Milton, a luz da divina presença brilha para mim com mais viva intensidade. Deus contempla-me com mais ternura e mais compaixão, porque só a elle o posso ver.» Thomaz Ribeiro, n'uma das suas bellas poesias, *Os cegos*, exprimiu admiravelmente, na magnifica linguagem de que dispõe, o que em humilde prosa quizemos dizer.

«Nos carceres que em torno a mim contemplo,
julgaes que as pobres almas escondidas,
chorosas com seu lucto, esmorecidas,
não terão para orar intimo templo?

«Se a abobada é sombria, ha luz no centro,
onde calida prece o peito exhala;
nas janellas, se a luz bate e resvala,
accendem-se os sacrarios lá por dentro!

«Servem d'altares cinerarias tumbas;
o amor pede mysterio onde se acoite;
festas a Deus tambem por alta noite
celebravam christãos nas catacumbas.»

E depois, se o cego nem sempre o foi, se póde contemplar um dia só as maravilhas da natureza, quando se lhe cerra o carcere, de que esplendidas visões lhe não fica illuminado! Quando nós fechâmos os olhos e nos bate nas palpebras a luz ardente de um sol de verão, como vemos scintillarem na sombra fitas de oiro, e azul, e purpura! Para elles, que tem sempre as palpebras fechadas á luz do mundo externo, quando o sol cá fóra irradia ha de lá dentro accender-se-lhe um kaleidoscopo maravilhoso. Ha de a phantasia pintar-lhe o quadro idealisado da natureza exterior, hão de ver aquillo de que um grande cego nosso compatriota nos fez a confidencia sublime na introducção das *Cartas d'Echo e Narciso:*

«Se a natureza me negou seus quadros,
se os fracos olhos meus não descortinam
o sublime espectaculo dos campos
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
co'as musas meditando eu sinto e gozo
novas scenas phantasticas, risonhas
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
dou rebanhos ao campo, aves á selva,
e graça a todo o mundo, e luz ás sombras.»

Era ainda isso o que Victor Hugo dizia nas *Contemplações* a um poeta cego:

*Chante, Milton chantait, chante, Homère a chanté!*
*Le poëte des sens perce la triste brume;*
*L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté,*
*Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.*

É o reflexo d'esse mundo luminoso interior que dá ao rosto dos cegos tão augusta expressão; n'essas feições veladas corre como que a vaga transparencia da lampada intima, e por isso, contemplando a bella physionomia do mendigo no formoso quadro de Dyckmans, olvidâmos que não é elle mais, talvez, do que um homem vulgar, e, curvando-nos diante d'esse vulto que a desgraça fez augusto, como que vemos n'elle a synthese dos sublimes cegos, Homero, Milton, Ossian, que do seio das suas trevas foram para a humanidade pharoes resplandecentes.

M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] Este quadro figura na rica *National Gallery* de Londres.

## LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 95)

X

Não obstante ser noite quando acabou a funcção no Caia, o regresso das duas familias reaes a Elvas e a Badajoz foi saudado com tres salvas de artilheria em cada uma das praças.

A cidade de Elvas achava-se ataviada com esplendidas galas para receber os seus monarchas e festejar condignamente os augustos noivos. As ruas por onde havia de passar o prestito real offereciam um espectaculo grandioso. As portas e janellas das casas estavam armadas de damasco carmesim, com sanefas bordadas ou agaloadas e franjadas de oiro, tudo novo. Tinham-se erigido muitos arcos triumphaes, uns guar-

necidos com pinturas, outros ornamentados com tapeçarias e sedas. As luminarias das casas e as luzes das tochas que acompanhavam o prestito faziam realçar todas aquellas pompas.

El-rei D. João v e mais pessoas reaes dirigiram-se á sé, á porta da qual os esperava o senado da camara, o patriarcha de Lisboa revestido de pontifical, uma parte do collegio patriarchal e o cabido da sé de Elvas. Conduzidas suas magestades e altezas debaixo do pallio até á capella-mór com as formalidades do costume, seguiu-se a ceremonia das benções nupciaes, que foram lançadas pelo patriarcha. O *Te Deum*, por musica vocal e instrumental, executado pelos musicos e cantores da real camara e da patriarchal, poz termo ás ceremonias da egreja.

Na mesma hora em que se effeituava esta solemnidade celebrava-se outra egual na sé de Badajoz, lançando o cardeal Borja as benções nupciaes ao principe e princeza das Asturias. Contavam então de edade, o principe pouco mais de quinze annos, e a princeza dezesete.

Da sé foram conduzidos el-rei D. João v e sua familia, com o mesmo acompanhamento triumphal, até ao paço do bispo.

Depois de alguns momentos de descanço, abriram-se as portas de uma sala magnificamente adereçada, e na qual se ia servir uma opipara ceia. Tanto os bofetes e credencias, que estavam guarnecendo as paredes, como a mesa real, achavam-se não sómente adornados, mas, póde-se dizer, carregados de baixella de oiro e prata, pois que em tão grande cópia alli brilhavam as salvas, jarros, taças, copas, gomis, fontes e outras variadas peças da baixella dos nossos reis, que, avultando muito pela sua riqueza e valor intrinseco, ainda sobreleva mais pela belleza e excellencia dos primores d'arte.

El-rei e as mais pessoas reaes comeram em publico; o que quer dizer que entraram na sala processionalmente, precedidos dos reis d'armas, arautos, passavantes, porteiros da canna, officiaes-móres, etc.; e que, tomando todas as pessoas que compunham este prestito os seus respectivos logares, foram servidas suas magestades e altezas com todo o apparato e ceremonial da antiga corte portugueza.

Acabada a ceia, foi a familia real assistir a um brilhante fogo de artificio, que estava disposto fóra da praça para evitar algum sinistro. Foi dos mais soberbos espectaculos d'este genero que se tem feito no paiz; um d'esses espectaculos que ha longos annos se não presenceiam; por quanto os que se fizeram por occasião da acclamação do sr. D. Pedro v, de saudosa memoria, e pelas nupcias d'este soberano e do sr. D. Luiz i, não habilitaram as pessoas que os viram a ajuizar da grandiosidade e belleza das perspectivas que apresentavam os fogos de artificio com que se festejaram os consorcios dos filhos del-rei D. João v, a inauguração da estatua equestre del-rei D. José i, os casamentos dos filhos da rainha D. Maria i, e o nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresa, primeiro fructo do matrimonio do principe D. João, depois rei, 6.º do nome, e da princeza D. Carlota Joaquina de Bourbon, mais tarde rainha.

Apesar de ir muito adiantada a noite quando terminou o fogo, não findaram n'elle os festejos d'aquelle dia. A familia real ainda teve de ouvir mais uma longa serenata, depois da qual se recolheu aos seus aposentos. Estava preenchido o programma das festas publicas para aquelle dia; porém ainda faltavam dois actos importantes do ceremonial usado em taes occasiões.

El-rei D. João v e a rainha sua esposa acompanharam os noivos á camara nupcial, e logo a rainha tratou de despir e metter na cama a princeza, fazendo el-rei o mesmo serviço ao principe. Cumprida esta pratica, os soberanos lançaram a benção a seus filhos e, despedindo-se d'elles com muitas demonstrações de affecto, saíram da camara. Porém, como aquelle acto de se deitarem juntos os noivos não era mais que uma simples ceremonia que devia ter curta duração, attenta a pouca edade dos conjuges, pois que o principe D. José pouco excedia a quatorze annos e a princeza D. Marianna Victoria ainda não tinha completado onze, ficou na camara como testimunha e guarda o marquez de Alegrete, Fernando Telles da Silva, gentil-homem da camara del-rei e da do principe do Brasil. Ao cabo de uma hora, durante a qual suas altezas se entretiveram conversando mui honestamente, segundo referem as memorias do tempo, separaram-se os augustos noivos, sendo o principe conduzido para outra camara pelo marquez de Alegrete.

No dia seguinte houve beija-mão nos paços de Elvas e de Badajoz. D. João v e D. Filippe v enviaram comprimentos um ao outro por via dos seus gentis-homens, aos quaes encarregaram egualmente de levar e offerecer em seu nome a cada uma das princezas as joias que é de uso offerecerem-se como prenda nupcial.

De tarde passou a camareira-mór portugueza a Badajoz, a fim de visitar a princeza das Asturias; e do mesmo modo veiu a Elvas a camareira-mór castelhana para comprimentar a princeza do Brasil. Assim tambem se trocaram os presentes enviados pelos dois soberanos, catholico e fidelissimo, aos criados que tinham servido as augustas princezas, sendo portadores d'elles os guarda-joias dos ditos monarchas. De parte a parte se mandaram presentes de subido custo, taes como espadins com os copos de oiro cravejados de diamantes, caixas de rapé de oiro guarnecidas de brilhantes, collares e flores das mesmas e de outras pedras preciosas, etc. Os portadores das prendas tambem foram presenteados. Para que se faça idéa do valor das joias que foram offerecidas aos principaes fidalgos e damas das duas cortes, diremos que el-rei D. Filippe v mimoseou com um annel de oiro cravejado de diamantes, do valor de um conto e seiscentos mil réis, a Francisco de Andrade Corvo, que levou a Badajoz os presentes mandados por D. João v para os officiaes-móres, damas e mais criados do serviço da princeza do Brasil.

Na mesma tarde mandou el-rei D. João v distribuir seiscentos mil réis, a titulo de gratificação, por cada um dos regimentos que assistiram á solemnidade, e avultada quantia em esmolas pelos conventos das freiras, pelos presos e pela pobreza.

A noite repetiram-se todos os festejos da vespera.

Escusado será dizer que tudo quanto se fazia em Elvas para solemnisar aquelles reaes enlaces era executado em Badajoz com a maior pontualidade. Assim tambem se passou a manhã do dia 21, em ambas as cortes, em recepções officiaes e trocas de presentes entre os principes e infantes.

De tarde houve parada de toda a tropa e grandes exercicios militares, a que assistiram a familia real e immenso concurso de gente de todas as classes da sociedade. El-rei D. João v, o principe e infantes, a cavallo, e seguidos de um numeroso e luzido estado-maior, passaram revista aos regimentos de infanteria e cavallaria, formados em linha de batalha. Logo depois executou-se um simulacro de combate, com exercicio de fogo, em que tomou parte toda a tropa.

Acabou a funcção juntamente com o dia, seguindo-se-lhe as mesmas festividades das duas noites antecedentes.

A manhã do dia 22 foi consagrada a audiencias. De Badajoz vieram comprimentar os nossos soberanos e os principes do Brasil muitas pessoas de distincção da corte de Castella, seculares e ecclesiasticas, entrando em o numero das ultimas bastantes frades. Re-

ferem os chronistas d'estas funcções, e entendemos dever consignar aqui, como exhibição dos costumes d'aquella epocha, tão notavel em frivolidades, que n'este mesmo dia vieram de Badajoz «tres senhoras castelhanas rebuçadas, ou segundo se explica o seu idioma, *tapadas*, as quaes, entrando no paço, fizeram muitas galanterias, todas mui applaudidas e celebradas.»

Da cidade de Elvas foram a Badajoz muitos fidalgos e damas, prelados e frades, a renderem homenagens aos monarchas de Hespanha e aos principes das Asturias. Não sabemos, porém, se tambem lá foram divertir a corte com momices tres senhoras portuguezas *rebuçadas*. N'este ponto, ou a Hespanha triumphou, levando a palma a Portugal, ou os nossos escriptores se esqueceram de commemorar este successo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

## O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 76)

II

Em tempo de D. Fr. Manuel do Cenaculo, mandando o sargento-mór Francisco Manuel de Mello abrir n'um sitio em que trazia obras o alicerce da muralha romana, appareceu o fragmento que a nossa gravura representa.

Bem como o de muitas antigas povoações de Portugal, é o solo de Beja riquissimo de vestigios de povos differentes que a habitaram. Dos romanos em particular, jazem sepultadas na terra, que por tantos seculos possuiram, abundantes e preciosas reliquias, testimunhos irrefragaveis do adiantamento das artes em Roma e nas colonias que ella polia e dominava. Sabía-o o illustre prelado, e ensinava os seus diocesanos a distinguir e apreciar estas antigualhas venerandas. Por isso, quando, no ultimo quartel do seculo passado, se fazia em Beja alguma edificação que obrigava a revolver o terreno e a expor á luz do sol as sombrias catacumbas das velhas civilisações, não apparecia coisa que por sua importancia merecesse conservar-se que não fosse logo recolhida no museu episcopal.

Posto que ninguem o saiba com certeza, só em construcções se poderiam empregar as lapidas roubadas da egreja dos jesuitas. Pela mesma via foi, pois, enriquecida no seculo passado, e desbaratada no presente, a valiosa collecção do bispo de Beja. Manifesta-se em muita coisa o progresso do nosso paiz; n'este ponto, porém, só a ignorancia progrediu. Infelizmente, aos vandalismos de Beja respondem os das outras povoações, e até da propria capital do reino.

Com a metade superior do baixo relevo perderam-se todos os signaes caracteristicos da divindade que representava. São em regra geral partidas ou muito mutiladas, apesar da dureza do marmore, as estatuas romanas que em Portugal tem apparecido. Pouco resta já da primeira fórma no fragmento, que estava mettido n'uma parede da praça do Sapal, em Setubal [1], e que, segundo cremos, é o mesmo que ha pouco foi transportado para Lisboa por diligencia do sr. marquez de Sousa. No museu Sisenando havia, além do grande torso de uma estatua que parece ter sido de Cybele, muitos outros fragmentos de figuras differentes, e nem uma só completa. No templo de Diana, em Evora, appareceu ha tempo um dedo agigantado de marmore, tamanho como o braço de um recem-nascido, e que foi por certo de alguma grande estatua, cujos outros restos se perderam.

As vicissitudes da guerra entre raças diversas e com religiões differentes, a sanha dos vencedores contra os vencidos, explicam-nos o facto de que se citam tantos exemplos conformes. Era natural que os godos destruissem os idolos dos romanos, os arabes os simulacros dos godos, e estes quaesquer objectos que lhes lembrassem o culto de Mafoma.

[1] Vid. pag. 152 do vol. IV.

O baixo relevo de que tratâmos parece que de proposito o partiram, pois é grande a espessura do marmore em comparação da largura, que não passa de $0^m,12$, e da altura, que não excede no pedaço restante $0^m,22$. Na parte inferior conserva-se ainda o vestigio de um espigão de ferro, que serviria para aprumar a figura sobre alguma peanha.

No mesmo sitio em que appareceu esta reliquia achou-se tambem outro fragmento de barro, que representa a cabeça de um cervo entre duas grandes tetas. Parece um emblema do culto de Diana Mamméa, sendo portanto possivel que no baixo relevo estivesse a imagem d'esta deusa, outr'ora tão venerada na peninsula, como o attestam as memorias sertorianas.

Faltam-nos conhecimentos particulares de esculptura para julgar competentemente o merecimento artistico d'esta reliquia notavel. Todavia, parece-nos corresponder áquella alta idéa que todos formâmos do estado da arte em Roma quando as conquistas e a opulencia ajuntavam dentro de seus muros as obras primas e os esculptores da clara Grecia.

Diziam os gregos que Dedalo fôra o primeiro que soubera fazer estatuas tão perfeitas, que olhavam, fallavam e caminhavam, querendo significar assim que ninguem antecedentemente logrära communicar-lhes a expressão da vida e do movimento. Não olha nem falla a figura do nosso fragmento, porque lhe faltam olhos e boca, mas caminha ligeira e naturalmente, mal poisando no chão as plantas delicadas. O movimento e o ar franzem-lhe graciosamente a tunica delgada e leve, que, vestindo o corpo até aos pés,

«...nem tudo esconde, nem descobre.»

Apparecem por entre as fartas pregas os delineamentos dos membros, e até os contornos anatomicos do joelho, patenteando-se d'esta sorte a pericia do esculptor em imitar no marmore a transparencia das vestes, indicio certo de subido grau de perfeição artistica.

O fragmento de marmore representado na gravura, e o de barro a que alludimos, sendo dos objectos que, por seu pequeno volume e peso, se transportaram de Beja, conservam-se na bibliotheca publica de Evora.

A. FILIPPE SIMÕES.

## O WALI DE SANTAREM

(Conclusão. Vid. pag. 90)

VI

### A TOMADA DE SANTAREM

Pela calada da noite caminha a pequena hoste portugueza na direcção do sudoeste; havia já quatro dias que tinha deixado Coimbra, e, sempre em marchas nocturnas, pouco tinha adiantado; curiosos e aborrecidos, os cavalleiros portuguezes estranham o passo vagaroso a que o seu chefe os condemna. Não são estes, comtudo, os habitos do rei de Portugal; quando determina surprehender uma praça musulmana, mais veloz do que o raio, mal fórma o designio e já está diante dos muros condemnados. Os inimigos pavidos vêem no mesmo instante luzir ao longe no horisonte o elmo e a couraça, e sobre as suas cabeças a formidavel acha d'armas do terrivel Ibn-Errik. Por que motivo segue elle n'esta expedição um tão differente systema? Ninguem o sabe, a não ser, talvez, o prior de Santa Cruz D. Theotonio, Mem-Ramires e um cavalleiro mysterioso, que ninguem conhece, mas que,

apesar de vestir armas christãs, parece, pelo tostado do rosto, haver nascido nas faldas ardentes do Atlas, onde a lei de Mafoma impera.

São estes tres os que de mais perto rodeiam Affonso Henriques. El-rei mostra-se, como de costume, sereno e risonho; mas o seu rosto, onde bate de chapa o candido luar, é tão impenetravel como a viseira do elmo, que levantára para gozar mais á vontade a frescura da noite.

Como serpente de escamas de ferro, desenrola-se pelas estradas a pequena phalange portugueza; a lua, alta no ceo, accende a cada instante reflexos fugitivos nos escudos, nas lanças, nos capacetes e nas couraças. Quem assim visse passar a hoste silenciosa diria uma longa procissão de espectros, allumiada pela sinistra phosphorescencia dos cemiterios.

Tinham chegado á serra de Albardos, e nem sequer suspeitavam ainda qual era o fim da expedição, quando de repente os vem surprehender nova ordem, a de voltarem para o oriente, colleando ao longo das serras que julgavam ter de transpor.

Que novidade será esta? Ninguem o sabe; continúa a presidir o mysterio a todas as operações d'essa estranha expedição. O caminho que seguem parece conduzil-os a Santarem, mas será possivel que para tomar praça tão forte appellidasse el-rei apenas tão pequena porção de homens d'armas?

E mudos caminham ao longo das serras, e os cavallos, como se conhecessem a necessidade do silencio, nem ousam soltar o seu nitrido impaciente.

Ainda a tenue luz da aurora mal arraiava o horisonte, quando a hoste portugueza entrava em Pernes. Algum cabaneiro madrugador, que se encaminhava para o trabalho com a enxada ao hombro, desviava-se assustado, interrompia a sua canção matinal, e dizia, persignando-se:

— Senhor Deus, onde irá rebentar esta trovoada guerreira?

Foi em Pernes que o mysterio se desvelou; Affonso Henriques reuniu em torno de si os seus cavalleiros, e disse-lhes qual era a expedição intentada. Não se esqueceu de lhes communicar a circunstancia da quadrella deserta, e, para ainda mais disfarçar a temeridade da empreza, inventou que tinha algumas vedetas compradas. Ainda assim, os mais bravos dos seus companheiros enfiaram; era mais do que temerario, era louco verdadeiramente o commettimento; mas as hesitações, se as houve, só se revelaram durante o dia de descanço que tiveram em Pernes; queria D. Affonso que, se o wali de Santarem tivesse pelos espias noticia dos seus movimentos, não vendo rebentar a procella annunciada, caísse de novo no habitual descuido.

Quando á noite se reuniu a pequena hoste, parecia que todos caminhavam alegremente para uma victoria certa; as reflexões tinham cessado, e, no momento do perigo, os cavalleiros portuguezes não pensavam senão em arvorar a bandeira da cruz nas muralhas de Santarem, ou em morrer briosamente pugnando ao lado do seu rei pela gloria do seu Deus e pela dilatação da sua patria.

A lua, resvalando no firmamento azul, não tardou a allumiar os ferros das lanças da pequena hoste, caminhando cada vez mais silenciosa e unida. A alguma distancia de Santarem pararam; el-rei ia dar-lhes as suas ultimas instrucções. Doze escadas altas acompanhavam os expedicionarios; por cada escada d'estas deviam subir dez homens á torre desguarnecida que o africano indicára. Apenas chegassem ao eirado, deviam arvorar o pendão real e correr a abrir as portas ao resto da força. N'esse instante decisivo, de que dependia a sorte da surpreza, era necessario que não os movesse compaixão intempestiva, e que o seu ferro cortasse desapiedadamente mulheres ou crianças, se algumas encontrassem no seu caminho. N'outro ensejo se dariam ouvidos á voz da humanidade; n'aquella occasião era sobre tudo indispensavel que não se espalhasse o alarma antes que a hoste portugueza tivesse irrompido em torrente tumultuosa pelas portas estoiradas do castello.



Fragmento de um baixo relevo romano encontrado em Beja

Quando D. Affonso acabou de dar em voz mansa estas instrucções aos seus companheiros d'armas, o cavalleiro mysterioso, de quem fallámos, aproximou-se d'elle e disse-lhe algumas palavras em voz baixa. D. Affonso fez um gesto de assentimento, e continuou voltando-se para os seus:

— Sobre tudo não vos esqueça esta recommendação: o wali de Santarem e as mulheres da sua familia devem ser para vós pessoas sagradas; tomae-o prisioneiro, mas por Deus não o mateis.

Os cavalleiros ouviram em silencio esta recommendação estranha para essa epocha, e, apeando-se todos, proseguiram na marcha interrompida; mas a lua velava no ceo, como para proteger aquelles em cuja bandeira fluctuava o seu crescente. Era necessario esperar que o seu clarão denunciador se extinguisse no horisonte, e mesmo que a pesada modorra do quarto d'alva adormecesse os atalayas dispersos pelas muralhas da fortaleza. Uma seara que ondulava frouxamente ao sôpro da brisa nocturna deu seguro abrigo á hoste christã.

A lua, resvalando no firmamento, foi-se aproximando do horisonte. Impacientes, os cavalleiros portuguezes prestavam o ouvido ao placido susurrar do Tejo, e alguns, levantando a cabeça por entre as espigas ondeantes, espreitavam a sombria massa do castello, aqui e além branqueada pelo luar moribundo. Em fim, de todo expirou o doce clarão nocturno. Silenciosa, mas apressada, a hoste portugueza foi encostar as escadas ao muro da torre. Por entre as sombras da noite mal se distinguiam ao perto esses vultos negros, em cujos elmos polidos apenas de quando em quando o frouxo raio de uma estrella accendia um fugitivo e descórado relampago. Zuleyma, entretanto, debruçava-se do parapeito, anciosa, sem poder distinguir o que eram esses vagos rumores e esses vagos espectros. Cosendo-se com as muralhas, Mem Ramires, que servia de guia, foi subindo silenciosamente

até que deu de cara com um vulto alvejante que não sabia o que era. Denunciou-a o grito de terror que Zuleyma soltou dos labios convulsos. Mem Ramires não hesitou um segundo; as ordens do seu rei eram terminantes, e o instincto da propria salvação não o aconselharia menos a praticar aquelle acto feroz. Erguendo o punhal, embebeu-o todo no peito da victima infeliz. Ao mesmo tempo as outras escadas amarravam-se ás ameias, e um a um os vultos negros accumulavam-se no eirado, momentos antes quasi deserto. O alferes-mór arvorava na muralha o balsão de Affonso Henriques. Mas entretanto o grito do escravo fazia correr pelo caracol da torre o tropel dos convivas do banquete do wali. Ao assomarem tumultuosos, recuaram com pavor e espanto; é que tinham visto a bandeira odiada, o pendão de Ibn-Errik fazendo fluctuar ao sôpro da brisa nocturna as suas pregas vencedoras.

Mas logo depois travou-se o combate confuso e medonho. Vinte e cinco eram os portuguezes que estavam já no alto da torre; poucos mais seriam os moiros que as delicias do banquetear-se e as obrigações do serviço tinham conservado acordados até áquellas horas. «Santiago e rei Affonso!» bradou Mem Ramires com energia, e esse punhado de heroes, investindo com os moiros, levou-os de rondão pela escada abaixo. Era indescriptivel o tumulto. Alguns dos portuguezes correram a abrir a porta ao rei, que de fóra bradava com a sua voz potente, que se ouvia sempre entre o revolutear da peleja: «Santiago, cerra, cerra!» Mas as portas resistiam aos esforços dos poucos que tentavam arrombal-as, em quanto os outros luctavam com os moiros, excitados ao combate pelo wali de Santarem e pelo filho do wali de Lisboa, que pelejavam como desesperados. A gritaria era immensa, e os soldados do castello, despertando estremunhados, corriam de um para o outro lado, sem saberem o que haviam de fazer, sem tomarem as armas, sem nada perceberem d'aquelle estranho successo. Ao mesmo tempo as portas cediam ao impulso dos portuguezes, e Affonso Henriques, á testa da força principal, irrompia com tremendo impeto, e tornava completamente inutil mais larga resistencia. O ferro portuguez não cortava já senão gente inerme, ou soldados pavidos e convulsos que empunhavam armas com as mãos que o terror da surpreza paralysava.

No meio d'esta carnificina um cavalleiro só passava com a espada embainhada, mas parecendo procurar alguma coisa com anciedade entre os grupos. Era o cavalleiro mysterioso, que tanto dera que scismar aos homens d'armas de D. Affonso; era o africano Mogbar. D. Affonso, por um resto de desconfiança, conservára-o junto a si, e com D. Affonso é que elle entrára no castello tomado. Devorára-o surda impaciencia em quanto as portas resistiam aos golpes dos portuguezes; mas, apenas tinham estoirado, entrára elle impetuosamente, e correra ás salas da alcaçova á procura d'aquelles que eram, um objecto do seu odio, outro do seu amor, quasi como o seu odio terrivel.

Mas, ao atravessar a corredoura da fortaleza, onde fôra mais renhido o combate, parou, soltando um grito. Acabava de ver o cadaver de Abu-Zakaria estendido no chão e vertendo o sangue por dez largas feridas.

— Ah! traidores! ah! vis nazarenos! bradou elle arrancando um punhado de cabellos.

E, desviando com o pé o cadaver, correu como um louco pelos aposentos. Receiava que tambem lhe escapasse Zuleyma, a perola de formosura tão ardentemente cubiçada.

Não tinha razão, comtudo, em accusar de perjuros os portuguezes; a surpreza do castello não fôra completa, e elles não tinham podido escolher os peitos a que dirigissem os golpes. No combate que se travára entre as sombras, Abu-Zakaria, que se arrojava ao sitio onde era maior o perigo, succumbíra varado por dez espadas sequiosas de sangue ismaelita.

E o africano percorria furioso as salas desertas, os aposentos abandonados do harem, bradando: «Zuleyma! Zuleyma!»; porém nenhuma voz respondia aos seus brados; apenas se ouvia ao longe um rumor confuso de gemidos e maldições: era a carnificina que continuava.

Um instincto indefinivel impelliu-o a subir pela escada que ia ter ao eirado da torre. Mais de uma vez tropeçou em cadaveres que juncavam os degraus; curvava-se então, e tenteava-os com mão trémula; reconhecendo vestes guerreiras, soltava um suspiro de allivio e continuava a subir a escada tortuosa.

Eil-o no eirado em fim. O primeiro albor da manhã illumina os campos com o seu dubio clarão melancolico; relanceando os olhos em torno de si, o africano vê tudo solitario; mas, affirmando-se mais, descobre junto ao parapeito um vulto envolto em roupas alvejantes; corre para elle e solta um grito de desespero. É o cadaver de Zuleyma.

Quantas blasphemias podem sair da bocca de um homem devorado pelas más paixões, todas espumaram nos labios convulsos do africano feroz. Cem vezes amaldiçoou Ibn-Errik, cem vezes chamou sobre elle e os seus cavalleiros a vingança do ceo. Mas de subito soltou um brado angustioso, e após um instante de lucta brotaram-lhe dos olhos torrentes de lagrimas, que lhe inundaram as faces requeimadas.

Nascêra o sol; a sua luz doirada banhava em ondas de alegria os campos verdejantes, e o Tejo azul e sereno; nas ruas de Santarem, apinhada lá em baixo junto ao rio, ouviam-se ainda o clamor jubiloso dos vencedores e os gritos lastimosos dos vencidos; mas a natureza, indifferente a essas luctas dos homens, ostentava á luz radiante de uma linda manhã de primavera toda a opulencia das suas vestes virginaes; exhalavam o seu aroma a laranjeira e a amendoeira em flor; a olaia, agitada pela brisa matinal, alcatifava o chão com o tapete odorifero das suas flores purpureas; a moldura d'esse quadro de horrores que Santarem apresentava era tão graciosa e risonha, como o podia ser a moldura de uma pastoral deliciosa.

Mas, entretanto, o africano, erguendo instinctivamente os olhos, vira fluctuarem sobre a sua cabeça as pregas, em que os raios do sol brincavam, da bandeira da cruz. Prestando o ouvido, póde perceber ao longe o confuso Allah com que as moiras de Santarem imploravam a compaixão dos vencedores. Recuou horrorisado. Tudo aquillo lhe era devido a elle, a elle, que devia ter jurado odio eterno a esse pendão maldito, e que fôra entregar indefesos aos seus inimigos mortaes os seus irmãos de raça e de crença. Foi então que as lagrimas lhe borbulharam nos olhos. Pensou que a Providencia não podia ter consentido em que traição tão nefanda conseguisse o premio nefando que cubiçára tambem.

Então, ajoelhando diante do cadaver de Zuleyma, pegou-lhe na mão livida e beijou-a, murmurando: «Perdão!» Ergueu-se depois, e marchou com passo firme na direcção do parapeito que dominava o Tejo: mas uma reflexão o suspendeu; temeu que os ferozes nazarenos, como elle os chamava, deixassem para pasto dos abutres o formoso corpo d'aquella a quem amára até ao crime. Voltou atraz, e, tomando nos braços o cadaver de Zuleyma, dirigiu-se para o adarve sobranceiro ao rio. Por algum tempo mirou com uma especie de jubilo inexprimivel o Tejo que deslisava lá em baixo, placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante. Depois, desempenando a sua alta estatura:

— Já que na vida não pude unir-me a ti, exclamou elle baloiçando o corpo de Zuleyma nos seus braços, una-nos ao menos a morte na mesma sepultura.

Depois precipitou-o e precipitou-se. O Tejo abriu-se por duas vezes para receber aquellas duas prezas, e logo, unindo sobre ellas a sua liquida mortalha, continuou a deslisar placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante.

Ao longe, dentro dos muros da povoação conquistada, ia-se extinguindo o rumor da carnificina; a brisa susurrava docemente entre os ramos da laranjeira florida.

Santarem estava definitivamente e para sempre no poder dos christãos; tomando-a, D. Affonso Henriques como que pozera á cintura as chaves da orgulhosa Lisboa.

Do cavalleiro mysterioso que acompanhára D. Affonso Henriques durante a expedição nocturna é que ninguem mais ouvira fallar. Correram, por conseguinte, differentes versões sobre a entidade e a desapparição d'esse vulto enigmatico.

Uns diziam que era um anjo disfarçado, ou antes o proprio Santiago, que viera mais uma vez ajudar Affonso Henriques a ganhar as suas inclitas victorias. Com louvavel modestia, os mesmos que, á força de brios e coragem, tinham conseguido abrir as portas aos seus companheiros, diziam tel-o visto estender um dedo, e as portas alluirem-se por si. Outros allegavam que elle era muito tostado para anjo, e que para Santiago lhe faltava o cavallo branco; diziam então esses que não era o cavalleiro mysterioso senão o proprio Satanaz, que, com fingidas promessas, conduzíra Affonso Henriques á beira do caminho da perdição; mas, quando lhe ia a deitar o gadanho, o santo prior de Santa Cruz D. Theotonio acudíra com a agua benta e as suas orações, e pozera-o em fuga desastrada. Affirmavam alguns que tinham sentido perfeitamente o estoiro que elle dera ao desapparecer, e que ainda tinham nas fossas nasaes os restos do cheiro de enxofre que elle deixára nos ares.

Mas D. Theotonio, quando lhe fallavam n'isso, riase e encolhia os hombros, e D. Affonso Henriques, se alguns dos seus privados lhe tocavam em similhante coisa, ria-se tambem e dizia:

— Meus senhores, anjo ou demonio, não lhe sejâmos desagradecidos, porque a elle é que devemos Santarem [1].

M. Pinheiro Chagas.

---

## A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

(Conclusão. Vid. pag. 87)

### IV

Tem sido emprezarios da real fabrica, desde que foi doada por Stephens ao estado: os srs. barão de Quintella (depois conde do Farrobo), Antonio Esteves Costa e outros, de 1827 a 1847; Manuel Joaquim Affonso, de 1848 a 1859; Casimiro José de Almeida, de 1860 a 1862; Francisco Thomaz dos Santos, em 1863; e Jorge Croft e o commendador Antonio Augusto Dias de Freitas, em 1864. No intervallo de umas a outras administrações ou não houve quasi trabalho na fabrica, ou esta funccionou por conta do estado.

Em 1866, os mesmos srs. Croft e Dias de Freitas, e mais os srs. Nuno Paulino de Brito Freire, José Luiz de Oliveira, Miguel Antonio Leitão de Lima Falcão e Antonio Corrêa da Silva Marques, formaram por tempo de trinta annos, com o capital social fixado em réis 90:000$000, dividido em novecentas acções de réis 100$000 cada uma, a parceria ou sociedade em commandita, que ainda existe, sob a denominação de «Empreza da real fabrica de vidros da Marinha Grande».

Pondo de parte a apreciação das razões que levaram o governo a mandar proceder em 1859 a um inquerito rigorosissimo, que se effeituou exemplarmente para honra dos professores que foram incumbidos de tão delicado encargo, diremos que d'ahi resultou acabarem os privilegios de que tinham gozado até então os emprezarios, sem que por isso a industria tivesse medrado e acompanhado os progressos da sciencia.

Com effeito, os contratos ultimados depois do inquerito foram tão pouco generosos nas clausulas, que o proprio estado, que favorecêra até alli as emprezas, como é sabido, com avultados subsidios e importantes privilegios, já obrigando-se a ficar com uma certa quantidade dos productos da fabrica, já dispensando as materias primeiras dos direitos de entrada, exigiu que se lhe désse renda annual superior a 1:000$000 réis, segundo consta das condições de arrendamento publicadas na folha official em 1860, 1863 e 1864, sendo apenas concedidas gratuitamente, ou antes, como compensação da renda, e sempre em beneficio dos pinhaes reaes, doze mil carradas de lenha por anno [1], em todo o caso debaixo da vigilancia da administração das mattas. E obrigou a empreza a dar contas todos os annos ao ministerio da fazenda do estado da fabrica e numero de seus empregados.

Antes de entregar a fabrica a novas administrações tem-se feito inventario e avaliação dos predios fabris e ruraes, utensilios fabris e material movel das abegoarias, para que no fim das emprezas podessem regular-se as indemnisações por faltas ou deteriorações.

Consta, portanto, dos inventarios publicados, que em 1827 o fundo fabril e industrial fôra calculado em 104:421$440 réis [2]; em 1848, avaliou-se quasi por metade, ou 55:000$120 réis; e em 1863, a avaliação deu o total de 58:078$440 réis.

### V

Entre os melhoramentos realisados na fabrica pela actual empreza, conta-se, em primeiro logar, a aperfeiçoada construcção dos fornos, conforme as indicações da sciencia moderna, o que, conservando em elevado grau o calor, permitte as fusões em vinte e vinte e quatro horas, e dá em resultado poder cada forno fazer tres ou quatro afinações por semana em cristal, e seis em vidraça. Comparando isto com o que succedia antigamente, e o que consta do excellente relatorio da commissão de inquerito de 1859, vê-se que a producção póde sem difficuldade duplicar-se.

Deve tambem notar-se o forno *(carquèse)* de seccar lenha. Este forno é de giganteas dimensões. Entram n'elle doze wagons carregados de lenha, que sêcca rapidamente por meio de numerosas bocas de calor; depois os wagons correm em carris, com pequeno impulso, para as respectivas officinas, e voltam por seu turno para conduzir novamente a lenha por meio de uma plataforma girante.

A estufa, onde se seccam as pedras para a construcção dos fornos, e os potes ou cadinhos, é egualmente hoje obra digna da especial attenção do visitante. A estufa é aquecida methodicamente, a fim de conservar sempre o mesmo grau de calor, o que é necessario para tornar as pedras e os potes aptos para entrarem nos fornos de tempero.

[1] As exigencias da acção do romance fizeram-me em algumas coisas modificar os factos historicos; mas nas circunstancias essenciaes a tomada de Santarem foi como eu a relatei; já se vê que a intervenção do africano é completamente phantasiada. A quem quizer, comtudo, conhecel-a com todos os seus pormenores verdadeiros, aconselharei que leia a magnifica descripção que d'essa entrepreza faz o sr. A. Herculano na sua *Historia de Portugal*, tomo I, liv. II, pag. 335 a 369.

[1] Em 1855, segundo a *Estatistica de Leiria* do sr. D. Antonio da Costa, o transporte de cada carrada de lenha custava, pouco mais ou menos, 300 réis. Hoje o córte, a factura e o transporte custam 500 réis, e os fornos consomem mais de 15:000 carradas annuaes.

[2] Vem a pag. 29 e 30 do *Relatorio* os inventarios feitos em 1827 e 1848; e a differença que se nota entre a totalidade que pomos aqui e a que lá se encontra provém de um erro nas sommas, que não pôde emendar-se na impressão, mas se acha corrigido nas *Informações*.

Além d'isso, não devemos deixar de mencionar a arca corrente de tempero, pois é a primeira que se construe em Portugal segundo o systema francez. Em doze pequenos wagons, que estão assentes em carris de ferro, vem a mercadoria fabricada desde o forno até á galeria que conduz ao grande armazem de escolha e approvação da obra, atravessando assim as seis graduações de calor que constituem a arca de tempero. D'esta fórma, a mercadoria entra fabricada na boca da arca ainda incandescente, e sae depois na sexta graduação já temperada e resfriada.

Outros melhoramentos se tem introduzido nos dois ultimos annos, que deixâmos de enumerar porque daria ainda a este artigo maiores proporções; mas, entre esses, citaremos ainda, e por ultimo, o novo systema da lavagem da areia, galga a vapor, moinho movido por agua com pisão, mistura de composições sem perigo para os manipuladores [1], etc.

VI

O processo da fabricação do vidro é conhecido, e não se nos figura ser aqui o logar proprio para tratar d'este assumpto, nem para entrar na comparação com o que seguem nas mais importantes fabricas da Allemanha, de Inglaterra, da Belgica e da França, sobre tudo porque não nos achâmos habilitados para isso; mas, ácerca da qualidade, é nossa opinião, com franqueza, que, posto não possam ainda os productos da real fabrica de vidros da Marinha Grande pôr-se ao lado dos da Bohemia, tão estimados e apreciados em todos os mercados europeus, figurarão hoje, comtudo, sem receio entre os productos das demais nações; e não temos dúvida que appareccerão até muito bem, logo que á boa qualidade do vidro se juntar o primor da fórma, em que se nos avantaja a industria estrangeira.

Em outros tempos, o trabalho não era convenientemente dirigido na Marinha Grande. A commissão de inquerito de 1859 tanto o reconheceu, que, na proposta submettida á consideração do governo, estabeleceu que se devia exigir das futuras emprezas que o trabalho fosse dirigido por homem habilitado com sufficientes conhecimentos theoricos e praticos em fabricas de vidros de primeira ordem [2]. Attendeu a isto a actual empreza, contratando para a Marinha Grande mestres francezes, que alli se conservaram por algum tempo, não sem grandissimo sacrificio, mas com proveito da fabricação.

Para entrar, pois, em concurrencia com as outras fabricas, principalmente estrangeiras, que traziam ao mercado productos, se não mais bem fabricados, ainda que de vidro inferior, como dissemos, de certo muito mais baratos, e de mais variados feitios e lavores, no que primam as industrias franceza e allemã, os actuaes directores pensaram, com razão, que deviam dar aos productos da real fabrica as mesmas vantagens, e por isso na antiga tabella de preços fizeram consideraveis diminuições.

Vende-se actualmente o vidro liso com o desconto de 30%, e o vidro lapidado com o de 25%; a vidraça delgada, cujo preço nas anteriores administrações era de 200 réis por kilogramma, tem hoje o preço de 140 réis por kilogramma, e este abatimento fez-se proporcionalmente assim para a vidraça grossa, como para a de cordão e de côres, etc.

Aos compradores por grosso, e em geral aos lojistas revendedores, foi concedido o desconto de 35% sobre a vidraria lisa, e 30% sobre a lapidada ou gravada; e outro tanto com respeito á vidraça. Se o pagamento for prompto, o que, segundo as praxes commerciaes, se póde effeituar dentro de um mez, o comprador goza, além d'isso, do beneficio de 2% [1].

[1] A mistura fazia-se n'outro tempo com tamanho perigo para os operarios, que admirava como elles podiam resistir ao veneno que aspiravam constantemente.

[2] *Relatorio*, pag. 135.

O desenvolvimento, ou antes as alternativas da producção da fabrica, podem julgar-se pelos seguintes dados, que se nos deparam em dois livros publicados em epochas diversas, e á vista de informações officiaes que devemos suppor fidedignas.

Temos, pois, que a producção annual foi:

Em 1855 — 555:480 peças de cristal; 43:344 ditas de lapidação; e 90:000 kilogrammas de vidraça [2].

Em 1863 — 668:812 peças de cristal; 36:300 ditas de lapidação; e 96:874 kilogrammas de vidraça [3].

Em 1867 — Só a producção das peças de cristal excedeu o numero de 800:000.

Isto em quanto á importancia da producção. Agora, em quanto ao numero dos operarios, vemos, em primeiro logar, que o pessoal da fabrica se divide nas seguintes classes:

Pessoal da administração economica e technica, officiaes e ajudantes de cristal, ditos de vidraça, lapidarios, floristas, rolhistas, machinistas, officiaes da construcção de fornos (olaria), carpinteiros, estendedores, trabalhadores da composição, cinzeiros, atiçadores, caleineiros, escolhedores de casco, empalhadeiras de vidro, lavadeiras de areia, carreiros para transporte dos productos da fabrica, ditos para transporte da lenha, etc.;

E em segundo logar:

Em 1813 (primeiro anno de que rezam as contas officiaes) havia 273 empregados na fabrica; de 1818 até 1826, 500; em 1846, 286, incluindo 100 carreiros; em 1847, 264; em 1855, 304; em 1862, 213, não contando os carreiros; e em 1868, occupam-se no fabrico do vidro não menos de 649 pessoas de ambos os sexos.

Estes ultimos algarismos evidenceiam ao mesmo tempo as vicissitudes por que tem passado a fabricação do vidro na Marinha Grande, e os esforços empregados, apesar de não haver já nenhum dos antigos privilegios, a fim de estabelecer a industria nas melhores e mais solidas condições, para o que não lhe faltam elementos. O proprio relatorio da commissão de inquerito o affirma: «Não é possivel deixar de concluir positivamente que (a fabrica da Marinha Grande) está em excellentes condições industriaes [4].»

Com verdade, a fabrica de vidros de que temos tratado é o primeiro estabelecimento do seu genero em Portugal. Isento de regalias officiaes, que ás vezes são um grande estorvo para o desenvolvimento das industrias, fazemos sinceros votos para que possa attingir o maximo aperfeiçoamento, compensando os enormes sacrificios de seus emprezarios e administradores, e honrando a nação.

BRITO ARANHA.

[1] A actual empreza, para alargar o seu commercio, não só, como se viu, barateou os productos da fabrica, mas tambem estabeleceu depositos importantes em diversos pontos do paiz. Os principaes depositos são: em Lisboa, na rua direita de S. Paulo, n.os 70 e 72, onde, depois da exposição internacional do Porto, fez uma exposição dos productos que alli levára, e onde se encontra sempre abundante variedade de coparia, frascaria, etc.; no Porto, rua de Sá da Bandeira, n.os 26 e 28; e em Evora, praça da mesma cidade.

Nos depositos de Lisboa e Porto recebe encommendas assim para o continente do reino, como para as ilhas adjacentes, possessões ultramarinas, e para o Brasil. Segundo as informações que temos, a empreza obriga-se a executar quaesquer encommendas em cristal liso, florestado e lapidado; ou em vidro branco, verde e azul para frascaria de todas as dimensões adequadas aos usos da pharmacia e drogaria, ou em vidraça, quer em chapas, quer em vidros cortados por medidas regulares.

[2] Vid. *Estatistica do districto administrativo de Leiria*, por D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, pag. 336 e 337.

Não ha muitos annos que se publicou esta obra (1855), e, todavia, raros são já os exemplares que se encontram no mercado; por isso não julgâmos fóra de todo o proposito dizer aqui, para que possam sabel-o as pessoas curiosas, que o auctor da *Estatistica de Leiria* não se limitou só a tratar de um ou outro dos mais importantes pontos da administração publica, mas no seu interessantissimo livro compendiou todos; não se restringiu só á estatistica, aos factos e seu agrupamento, porém, entrando na apreciação das principaes questões economico-sociaes, e na sua comparação com as nações mais cultas, desenvolveu-as e discutiu-as com clareza, e apresentou o estado d'ellas no momento em que o trabalho se realisou.

A obra, quando menos, foi tambem um importante e relevantissimo serviço prestado ao districto de Leiria, de que o esclarecido auctor era então secretario geral.

[3] Vid. *Informações*, pag. 64.

[4] Vid. *Relatorio* citado, pag. 127.